

Hernâni Donato – Centenário de Nascimento

SAMUEL MEDEIROS – escritor, Cadeira nº 26 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

O acadêmico que ocupou a Cadeira nº 1 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, logo após sua fundação, Hernâni Donato, merece ser lembrado por ocasião do centenário de seu nascimento, ocorrido recentemente. E não apenas por isso, mas por sua atuação notável no meio literário e pela representatividade de sua obra no cenário nacional.

Respeitado intelectual, nasceu em Botucatu (SP), em 12 de outubro de 1922, e morreu na capital de São Paulo, em 22 de novembro de 2012, aos 90 anos. Escritor eclético, publicou obras em diversas áreas da literatura, como romances, livros infantis, contos, crônicas, ensaios e roteiros cinematográficos.

Embora não sendo mato-grossense, nem aqui residindo, passou grande parte do tempo em Mato Grosso, o qual, ainda não dividido, possuía uma academia municipal, a Academia de Letras e História de Campo Grande. Esta não exigia que o escritor fosse aqui nascido. Porém, esteve na criação da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras no dia de sua fundação, em 1972. Por reconhecimento ao mérito de, em sua obra, refletir grande parte da cultura e dos aspectos sociais do sul de Mato Grosso, foi escolhido para a Cadeira nº 01.

Foi em nosso atual estado que ilustrou seu grande romance-documento, “Selva Trágica”. Nele, vai devassando um período da história, não só de aspectos do sul de MS, como nos dá uma mostra de aspectos da história brasileira praticamente ignorada. O tema é social, e ali ele descreve a desumana exploração da erva mate em Ponta Porã no início do século XX, quando o governo brasileiro concede o monopólio de extração da erva-mate a apenas uma companhia argentina. Logo no início do livro, ele denuncia a brutalidade à mulher e o trabalho escravo.

O grande mérito deste romance é a denún-



Hernâni Donato

“Publicou obras em diversas áreas, como romances, infantis, contos, crônicas, ensaios e roteiros cinematográficos”

cia social, com alto poder comunicativo quando revela as dantescas condições de trabalho na região. Um personagem, o Curãtã, passa 48 horas seguidas revirando a erva no fogo.

sim foi granjeando sua simpatia.

Vitória, modestamente, ora aceitava ora recusava os convites de Haroldo, talvez até porque era filho do patrão, e isso lhe assegurava o seu estágio. Um belo dia, Haroldo, não suportando aquela situação – pois gostava, de fato, da Vitória –, abriu seu coração, e recebeu um não supereducado, pois “não estava preparada, etc, e que era seu sonho primeiro terminar a faculdade”.

Passado um mês mais ou menos, Haroldo chamou Vitória em sua sala e pediu que ela trancasse a porta, porque o assunto era sério por demais. “Vitória”, disse ele, “sei que você tem me recusado e até entendo seus motivos, você quer ser advogada e luta por isso, até para sua própria independência financeira...”

Vitória atalhou-o, não entendendo o porquê daquela conversa. Haroldo então abriu o jogo, dizendo que seu velho pai estava vitimado pe-

Os ervateiros carregam um peso além de suas forças: “Não pode olhar para baixo; se pisa fora da trilha e escorrega ou tropeça, morrerá debaixo do fardo”.

Hernâni Donato também foi um inquieto pesquisador da história brasileira e perscrutador dos labirintos sociais. Biógrafo requisitado e romancista, fez sucesso, além de “Selva Trágica”, com os romances “Filhos do Destino”, “Chão Bruto”, “Núpcias com a Morte”, “O Rio do Tempo” e “O Caçador de Esmeraldas”. Os livros “Selva Trágica”, “Chão Bruto” e “O Caçador de Esmeraldas” foram transformados em filmes.

A primeira versão para cinema de “Chão Bruto”, veio em 1958, dirigido por Dionísio Azevedo, sendo um dos roteiristas o próprio Hernâni Donato, e estrelado por Lima Duarte. O diretor fez uma segunda versão desse filme em 1976, com o mesmo elenco. O filme “Selva Trágica” foi dirigido por Roberto Farias, em 1964, e estrelado por Reginaldo Faria. É uma dinâmica tradução audiovisual do romance. Como o livro que lhe deu origem, aborda a condição de escravidão a que eram submetidos os trabalhadores do cultivo de erva-mate na fronteira Brasil-Paraguai. O diretor aproveitou os grandes momentos da descrição literária, quando personagens sofridos e humilhados ainda encontram razões de afeto nas paralelas histórias de amor entre os personagens Curã e Zola, Aguará e Anaí, Pablito e Flora e outros.

Nesta ocasião em que as entidades culturais celebram o centenário de seu nascimento, convém à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras lembrar e homenagear sua memória e obra. Pertenceu à Academia Paulista de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 20. Foi presidente por duas gestões sucessivas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, colaborou com a revista *Veja* e participou da comissão organizadora do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954. Suas obras merecem ser revistas por leitores antigos e conhecidas pelas novas gerações.

lo câncer e que teria, no máximo, se bem cuidado, um ano de vida, e que o escritório seria dele, seu único filho, sendo seu pai viúvo, e, assim, casando com Vitória, passaria ela a ter um acervo confortável para o resto de seus dias...

Vitória atalhou-o novamente e disse: “Você pode me dar uma semana para que eu possa decidir se me caso com você?”.

Aquilo soou como um sino a bimbalar o cérebro de Haroldo. Ora, o que seria uma semana? Passados quatro dias, Vitória chama Haroldo para uma sala reservada e lasca: “Haroldo, fiquei muito sensibilizada com o seu convite, mas não posso aceitar...”

Haroldo a interrompeu: “Mas, por que, Vitória?”.

Vitória levantou sua mão esquerda, em cujo dedo anular via-se uma aliança dourada e, num sorriso glorioso, confessou: “Porque eu casei com seu pai”.

Coisas da Vida

JORGE ANTÔNIO SIÚFI (1932-2011) – pertenceu à ASL

Haroldo, jovem advogado, começou sua carreira no escritório de seu pai, conhecido causídico e respeitado nos meios jurídicos, e logo se projetou na difícil profissão. Ali, no escritório, apareceu uma jovem, bonita, esbelta, estudante de Direito, já cursando o terceiro ano, com a finalidade de conseguir um estágio.

Haroldo já se encantou com a jovem e esforçou-se ao máximo para que seu velho pai a contratasse como estagiária, até porque, segundo conversaram, era conhecedora dos mistérios do tal computador. Acolhida no escritório, Haroldo, com todo respeito, procurava todas as formas de agradar Vitória – esse era o nome dela – convidava-a, vez ou outra, para um lanche, um almoço, um cafezinho, e as-

O extraordinário Marechal Rondon

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO – Cadeira nº 21 da ASL

Cândido Mariano da Silva Rondon, militar e sertanista brasileiro, nasceu em Mimoso, próximo a Cuiabá, Mato Grosso, a 5 de maio de 1865, e faleceu no Rio de Janeiro, a 19 de janeiro de 1958. Estudou no Liceu Cuiabano, e aos 16 anos recebia o diploma de professor primário. Destinado à carreira das armas, matriculou-se como soldado no Curso Preparatório da Escola Militar da Corte, diplomando-se em Engenharia e Estado Maior e recebendo o grau de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Promovido a 2º tenente em 4/1/1890, três dias depois passava a 1º tenente por serviços relevantes à causa da República. Sua primeira missão foi a de 3º ajudante da Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia.

Já no posto de capitão, foi encarregado de construir a estrada estratégica de Cuiabá ao Araguaia. Em 1899, foi chamado a ocupar, no RJ, o cargo de auxiliar técnico da Intendência Geral da Guerra. Um ano depois, retornava à Comissão de Construção de Linhas Telegráficas, com a incumbência de construir a linha de Cuiabá às fronteiras com o Paraguai e a Bolívia. Apenas a terminara e foi-lhe confiada, em 1907, a missão de estender a linha-tronco

entre Cuiabá e Santo Antônio do Madeira, no Estado do Amazonas. Num trabalho gigantesco de penetração, exploração e levantamento que constituiu o primeiro passo para a incorporação definitiva ao Brasil duma extensa e rica região até então desconhecida.

Em 1910, o governo federal criava o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, e nomeava Rondon seu primeiro diretor. Em 1914, intensificou seu trabalho na selva mato-grossense, prolongando-o até 1919, período em que elaborou o primeiro mapa completo do estado. Promovido a general de brigada em junho de 1919. Em 1925, já promovido a general de divisão, comandou as forças em operações contra os revolucionários no Paraná e em Santa Catarina. Continuou a servir ao País, no Serviço de Proteção aos Índios, nada se fazendo nesse setor sem ouvi-lo primeiramente. Criado em 1939 o Conselho Nacional de Proteção aos Índios, foi chamado a dirigi-lo, o que fez até seus últimos dias de vida. Em 1955, o Congresso conferiu-lhe as honras do posto de marechal, e em 1956 o Território de Guaporé teve o nome mudado para Rondônia em sua homenagem.

Rondon foi general do Exército Brasileiro, promovido ao posto de marechal em 5/05/1955, sendo a referida data, até hoje, reverenciada como o dia consagrado às comu-

nicacões, graças a sua eficaz atuação implantadora das linhas telegráficas, dando o impulso inicial para a pujante e mirabolante projeção alcançada nos dias atuais.

Nos últimos anos, residia em seu modesto apartamento no Rio de Janeiro, já com a visão enfraquecida, e ali morreu antes de completar 93 anos de idade. O desaparecimento do maior sertanista da América foi sentido em todo o País e no exterior, onde ele fazia parte das mais importantes agremiações culturais e científicas. Velado no salão nobre do Clube Militar, foi sepultado no Cemitério de São João Batista. A soma de serviços que o Brasil ficou a dever a Rondon é enorme, e inestimável o patrimônio de modelar abnegação e exemplar idealismo que lhe deixou.

Estendeu mais de 7000 km de linhas telegráficas e, no desempenho dessa tarefa, tornou-se um dos maiores desbravadores de terras tropicais, trazendo contribuição à Geografia brasileira, bem como à Etnografia, à Zoologia, à Botânica, à Climatologia e a outras ciências. Sempre norteado pelo famoso lema que adotou e fez cumprir desde o início: “Morrer, se necessário for. Matar, nunca!”. De sua pena, brotaram três maravilhosos livros: “Etnografia”, “Conferências” (dois volumes) e “Línguas Indígenas” (três volumes). Palmas para o nosso herói da Comunicação brasileira.

+POESIAS

Ao Professor Plínio Mendes

(in memoriam)

Só passa deste mundo para o além
Quem aqui não passou como devia;
Pois quem passou na vida a fazer bem,
É bem certo que nunca passaria!
E tu trouxeste o lume do saber...
E és, acima de tudo, Professor;
És!... Porque nunca, mestre, irás morrer...
Viverás para sempre em nosso amor!
Estás, pois, vivo em cada um de nós,
No meu, teu coração sinto pulsar;
Ainda, na aula, ouço a tua voz,
Talvez um teorema a demonstrar!
Nada do pensamento meu te afasta:
Vejo teu vulto amigo, sorridente,
O longo guarda-pó... a tua pasta...
A maneira modelo de ser gente!
Os cabelos penteados para trás,
Índia pelo giz, todo esbranquiçado;
O semblante otimista... onde jamais
Transparecias - hoje estou cansado!
Quantas vezes na luta eu me abatia,
Quando o mister nos punha lado a lado;
Então, com teu vigor me revestia...
Teu ânimo fazia-me animado!
Partiste!... Mas conosco tu ficaste
Em tudo que fizeste nesta vida...
Arrie-se a bandeira, fica a haste,
Ficaste qual bandeira inesquecida!
Por mais e mais que o tempo veloz passe...

GERALDO RAMON PEREIRA

Aridez

Enquanto,
nos corredores da noite,
lobos cabisbaixos procuram fábula
nas pupilas do tédio,
uma metade de todo lirismo
adormece nas furnas
e formas álgidas da rotina
[a outra metade tenta escapar
das ciladas dos desejos].

Enquanto
– pela garganta do cotidiano –
nossos rastros vão sumindo
e as babas das angústias
envenenam a solidão,
o amodado-arbítrio da incerteza
rabisca tatuagens de nuvens
no dorso das antemanhãs...

RUBENIO MARCELO

Vozes do mundo

O som das cordas que ordenam vogais,
sonorizam consoantes no timbre da voz
que está dentro de nós.
Oh! Bendita garganta que grita, que canta
se altera e chora no abstrato soluço.
É a voz do amor que solfeja no beijo
do vento sibilante.
Vozes das ruas em mistura de raças,
que a “praça é do povo”.
Vozes algemadas que gritam socorro
em febre, caladas, trancadas, invioláveis.
Ah! Vozes do mundo...
Se uníssonas cantassem,
ordenariam que os relógios
parassem, perplexos de tudo,
e ouvissem ecoar aladas,
as vozes unidas de Amor.

ELIZABETH FONSECA

Haikais

Cantar é arte
de espantar tristes males,
dizem os antigos.

Pimenta que arde
no olho do teu vizinho
a ti refresco é.

O perigo do cão
nunca está no latido,
mas sim na mordida.

J. BARBOSA RODRIGUES